

CRIANÇAS E EDUCAÇÃO INFANTIL NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco¹

Suzane Cunha da Luz²

Vitória Fernandes Borges³

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa realizada no Estágio Supervisionado Obrigatório na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/2021), que se propôs a investigar as experiências educativas de crianças de 04-06 anos nesta etapa da educação básica, no período da pandemia de Covid-19. Os arranjos metodológicos da pesquisa envolveram a consideração das especificidades das crianças participantes, vistas como sujeitos imersos nos acontecimentos e que podem nos informar sobre as suas compreensões e vivências na educação infantil, por isso optamos pela utilização da entrevista semiestruturada, para que pudéssemos ter acesso às informações buscadas a partir dos relatos das crianças. Ter as crianças como sujeitos participantes da pesquisa, parte da compreensão e do reconhecimento de que são atores sociais, cidadãos que têm direito e competência para nos informar sobre as suas experiências, pois, o olhar da criança, seus modos de ver o mundo, são fundamentais para enriquecer o trabalho na educação infantil. Os principais autores para o diálogo neste estudo são Kramer, Vygotsky, Sarmiento. Os resultados da pesquisa indicam que as crianças tiveram suas experiências educativas escolares limitadas, devido ao contexto resultante da pandemia, as crianças apontaram preferência pela educação infantil presencial, uma vez que sentiram falta do espaço da educação infantil e de tudo que o referido espaço lhes proporcionam, com destaque para as interações criança-criança, as brincadeiras e a presença do(a) professor(a).

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Experiências educativas. Educação Infantil. Práticas Educativas

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada no Estágio Supervisionado Obrigatório na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/2021), que investigou as experiências educativas escolares de crianças de 04-06 anos no período da pandemia de covid-19, cenário em que se deu o presente estudo.

¹ Mestre e Doutora em Educação pelo PPGED/ICED/UFPA. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia-GEDAM, em que coordena a linha de pesquisa: Infâncias, experiências e práticas educativas na Amazônia. Vice coordenadora do Núcleo de pesquisa Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos (NUPEIA/UFPA) – tatiana.pacheco@ufra.edu.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA – Souza.cunha57@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA – 0307vitoriafernandes@gmail.com

Em 2020, diversos países foram surpreendidos por uma pandemia denominada de Covid-19, potencialmente grave e de rápida transmissibilidade. No Brasil, a exemplo do que acompanhamos em vários países do mundo, as diferentes esferas governamentais, levando em consideração as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde (MS), tiveram que adotar medidas urgentes para a proteção de seus cidadãos. O isolamento social foi uma das principais medidas de prevenção adotada, medida essa que obrigou estabelecimentos e instituições, por todo o país, a interromperem suas atividades presenciais por um longo período e redimensionarem para outros formatos.

No que concerne às mudanças ocorridas no âmbito educacional, as instituições educativas escolares, permaneceram funcionando conforme as orientações dada pelo Conselho Nacional de Educação – CNE que aprovou, através do parecer nº 5/2020, a reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da Covid-19 e, posteriormente, a Portaria do MEC N° 544, de 16 de junho de 2020, no qual informou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia.

Durante os anos de 2020 e 2021, instituições de Educação básica e universidades, desenvolveram suas atividades durante a crise sanitária por meio do ensino híbrido ou remoto emergencial. Nesse sentido, a UFRA, a fim de amenizar os impactos causados pela pandemia, optou pelos formatos de ensino híbrido e o totalmente não presencial conforme disposto na resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão/CONSEPE, nº 622 de 12 de abril de 2021.

Diante da realidade vivenciada, o estágio curricular supervisionado, também passou por adequações por meio de um conjunto de orientações, resoluções e notas técnicas emitidas pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), que nos deu a possibilidade de desenvolvermos o estágio como pesquisa, em um processo que “[...] se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio [...]” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 46). A situação de estágio que vivenciamos no período referendado, nos permitiu o exercício de reflexões e análises do contexto pandêmico e de suas repercussões no cotidiano e na realidade educativa das crianças da educação infantil.

No âmbito da educação municipal, a prefeitura do município de Ananindeua/PA – local em que as crianças participantes desta pesquisa residem e estudam – lançou, em 27 de Abril de 2020, o decreto nº 20.471, informando no art. 3º, inciso I, a suspensão das aulas em toda a rede pública municipal de ensino por prazo indeterminado. Em nível federal, no que se refere à

Educação infantil, o parecer CNE/CP nº 05/2020, também apresentou orientações e sugestões para as escolas com o intuito de amenizar as possíveis perdas para as crianças.

Considerando os ajustes, alterações e mudanças que todos os níveis e modalidades de ensino necessitaram realizar em função dessas orientações, esta pesquisa objetivou analisar as experiências educativas de crianças de 04-06 anos de idade na Educação Infantil no período de pandemia, bem como, conhecer a realidade educativa vivenciada pelas crianças durante o período referendado e as mudanças ocorridas nesta etapa da educação básica e no cotidiano das crianças com o intuito de problematizar sobre as questões e especificidades que envolve o trabalho na educação infantil a partir das experiências e do olhar das próprias crianças sobre a realidade vivenciada.

Ter as crianças como sujeitos participantes da pesquisa, parte da compreensão e do reconhecimento de que são atores sociais, cidadãs que têm direito e competência para nos informar sobre as suas experiências, pois, o olhar da criança, seus modos de ver o mundo, são fundamentais para enriquecer o trabalho na educação infantil. Kramer (2003), ressalta sobre os desafios existentes aos profissionais que trabalham com crianças na contemporaneidade e, dentre os desafios apresentados pela autora, destacamos: a nossa forma de conhecer as crianças, o valor que os diferentes grupos atribuem a esses sujeitos e o seu papel e importância na sociedade como cidadãs. Para tanto, o exercício da escuta, o diálogo e a exigência de uma postura e de um olhar voltados para às crianças como sujeitos sociais e culturais se fazem presentes como uma exigência em nós, pois, “precisamos aprender com as crianças, olhar seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações, ver suas produções” (KRAMER, 2003, p.80).

Para que pudéssemos ter acesso às informações buscadas, foi desenvolvida pesquisa qualitativa com a aplicação de entrevista, acompanhada de roteiro semiestruturado que orientou o diálogo com as crianças, tendo como foco os objetivos propostos. As crianças colaboradoras da pesquisa participaram dos diálogos investigativos tendo como base os seguintes critérios: ter de 04 a 06 anos de idade e vivenciar ou ter vivenciado a Educação Infantil no período anterior à pandemia e também durante a pandemia de Covid-19. Foram realizadas entrevistas individuais com 05 (cinco) crianças, no período de outubro a dezembro de 2021, com as respectivas autorizações de seus responsáveis por meio da assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido e, também, com o consentimento de cada criança. Todas as crianças entrevistadas moram e frequentam diferentes instituições públicas e privadas de educação infantil no município de Ananindeua-PA.

Os dados foram organizados em temáticas, num movimento em que as experiências de cada criança, ao serem aproximadas com as de seus pares, refletem a dimensão social do momento histórico que vivenciavam, permitindo-nos dialogar com as diferentes narrativas das crianças. No presente artigo apresentamos duas temáticas organizadas para a realização das reflexões e análises, a saber: o cotidiano e a realidade escolar das crianças no período da pandemia; o olhar e a compreensão das crianças sobre a nova realidade escolar vivenciada na educação infantil no período da pandemia.

Os principais autores que dialogamos nesse estudo são Kramer, Vygotsky e Sarmento. Os resultados da pesquisa indicam que as crianças tiveram suas experiências educativas na educação infantil limitadas, haja vista o contexto promovido pela pandemia. Apontam, ainda, que a preferência das crianças é pela educação infantil presencial, uma vez que sentiram falta do espaço da educação infantil e de tudo que o referido espaço lhes proporcionam, com destaque para as interações criança-criança, as brincadeiras e a presença física do(a) professor(a).

O COTIDIANO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS ÀS CRIANÇAS NO PERÍODO DA PANDEMIA.

Iniciamos com as palavras de Kramer (1999), de que o mundo que é dado às crianças é cheio de desafios, e estas, imersas nos acontecimentos daquele momento pandêmico, foram obrigadas a conviverem e compreenderem um contexto de luta pela vida, de isolamento social para a preservação da saúde, um momento que exigiu inúmeras mudanças em seu cotidiano educacional, em função da pandemia de covid-19.

O diálogo com as crianças reforçou a nossa compreensão de que elas possuem capacidade para dizerem o que pensam, o que gostam, o que desejam. Ao serem questionadas sobre como ficou o cotidiano educativo na pandemia, destacamos as seguintes respostas apresentadas no quadro 01:

Quadro 01 – o cotidiano e as práticas educativas voltadas às crianças no período da pandemia de covid-19

CRIANÇA 01	<p>Criança: Eu só faço ditado. Eu pintava, cobria e ligava. [...] E cobrir e pintar e ligar. Pesquisadora: você assistia aula pelo celular? Criança: Balança a cabeça que sim. Ela mandava foto. Pesquisadora: Você falava com ela pelo celular? Criança: Um hum. Pesquisadora: Alguém ajudava você a fazer o dever? Criança: Com a mamãe [...] Primeiro eu comia e depois eu fazia e aí eu terminava e batia uma foto. Pesquisadora: Para mandar para professora? Criança: Um hum. E a professora mandava um áudio. [...] E tem muita atividade atrasada. Tem quatro atrasadas.</p>
CRIANÇA 02	<p>Criança: Eu...Eu pintava. Era pintava e pintava de novo. Pesquisadora: Alguém ia buscar as tuas atividades? Criança: ia, a vovó. Era só pintar em casa. Pesquisadora: Alguém te ajudava a fazer as atividades? Criança: Sim, a vovó.</p>

CRIANÇA 03	<p>Pesquisadora: Como era que tu assistias aula? Criança: Pelo celular. Às vezes era pelo computador, aí depois que eu comecei a ver pelo celular</p> <p>Pesquisadora: E fora das aulas pelo celular e pelo computador tu estudavas? Criança: Não (Só quando era...) Só se viesse atividade alguma hora, entendeu?</p> <p>Pesquisadora: Alguém te ajudava a fazer a atividade aqui em casa? Criança: Ajudava</p> <p>Pesquisadora: Quem? Criança: A Taci. É uma menina que cuida de mim.</p>
CRIANÇA 05	<p>Pesquisadora: E a professora, você falava com ela quando teve o corona vírus, você falava com a professora? Criança: Balança a cabeça que sim.</p> <p>Pesquisadora: Como que você falava com ela? Criança: Pelo celular aqui.</p>

Fonte: Transcrições das autoras, como resultado das entrevistas no ano de 2021.

Nos relatos das crianças acerca de sua rotina educacional no período da pandemia, observamos que as atividades desenvolvidas no âmbito familiar, eram disponibilizadas pela instituição aos responsáveis, para que dessa forma, pudessem ser realizadas pelas crianças. Os relatos infantis também informam que as atividades mais comuns que as crianças desenvolviam eram as de cobrir, ligar e pintar, e, os recursos e estratégias utilizadas pela instituição para mediar o contato e as relações incluía: contato das crianças com os docentes por meio de ferramentas tecnológicas como aparelho de celular e computador.

Notamos que as práticas educativas realizadas pelas instituições em parceria com a família durante a pandemia, não atenderam às necessidades fundamentais desses sujeitos, são vivências educativas que não evidenciam o atendimento da finalidade da Educação infantil, constante na LDB nº 9394/1996, que em seu art. 29, informa que a finalidade dessa etapa da educação básica é a promoção do “[...] desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2017).

Tais aspectos foram reforçados em posicionamento escrito pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED, em que denuncia “[...] a ilegalidade da proposta de implementação de atividades escolares remotas para crianças pequenas [...]” (ANPED, 2020, p.01). O posicionamento da ANPED, ressalta que houve precipitação na proposição de implementação de iniciativas para o cumprimento das 800 horas anuais, considerando que na educação infantil o foco no desenvolvimento integral das crianças exige “[...] condições mínimas de qualidade que não podem ser asseguradas por meio da transposição do que deve ser realizado presencialmente, para atividades remotas delegadas às famílias [...]” (ANPED, 2020, p.02), como podemos constatar nas narrativas apresentadas no quadro 01.

As mudanças significativas nos processos interativos das crianças da Educação Infantil são evidenciadas em suas falas, pois, as estratégias e alternativas adotadas pelas instituições impossibilitaram o cumprimento dos princípios, práticas e das diferentes experiências que devem ser proporcionadas às crianças, conforme as orientações constantes nas Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEI/2009. As atividades desenvolvidas no âmbito familiar se distanciaram de tais fundamentos, sendo realizadas sem as condições materiais, lúdicas e interativas que essa etapa exige, mediante a ausência de relações criança-criança e as distantes relações das crianças com seus professores.

O Conselho Nacional de Educação, através do parecer CNE/CP nº 05/2020, orientou sobre a reorganização do calendário escolar em razão da pandemia de covid-19. No referido documento, foi recomendado que as escolas poderiam desenvolver materiais de orientações aos pais ou responsáveis, com atividades educativas lúdicas para realizarem em casa com as crianças.

[...] indicar, da mesma forma, atividades de estímulo às crianças, leitura de textos pelos pais ou responsáveis, desenho, brincadeiras, jogos, músicas infantis e algumas atividades em meios digitais quando for possível. A ênfase deve ser em proporcionar brincadeiras, conversas, jogos, desenhos, entre outras para os pais ou responsáveis desenvolverem com as crianças (CNE/CP nº 05/2020, p.10).

As orientações para educação infantil no referido parecer, apresenta de forma latente a responsabilidade da família na realização, execução, envolvimento, atenção e participação efetiva na educação das crianças, exigindo a presença familiar como forma de garantia de não retrocessos no desenvolvimento das crianças. Foi um processo em que as famílias foram chamadas a cumprirem o papel das instituições, conforme as orientações constantes no parecer CNE/CP nº 05/2020, desconsiderando que a realidade pandêmica influenciou consideravelmente as condições econômicas, a rotina de crianças e suas famílias, a divisão de tarefas no lar, o espaço doméstico que se transformou, ao mesmo tempo, em espaço escolar, espaço de trabalho e lazer para muitas famílias no período referendado, exigindo uma divisão de tempo-espaço desafiadora para todos os seus membros.

Carbonieri e Magalhães (2021), em análise sobre os impactos do referido parecer, destacam acerca da natureza do trabalho pedagógico na educação infantil e afirmam que o tripé educar, cuidar e brincar, não podem ser reduzidos ao cumprimento de carga horária ou ao envio de atividade remota ou de outras atividades elaboradas pela escola para a execução da criança sob a responsabilidade dos pais. As autoras chamam à atenção para a clara intencionalidade e perigo que o parecer 05/2020 apresenta ao simplificar a atividade pedagógica na educação infantil ao ensino domiciliar.

Nesse sentido, destacamos que as atividades destinadas às crianças no período de pandemia foram limitadas e limitadoras das capacidades desses sujeitos e desconsideraram as especificidades da educação infantil, pois, a riqueza teórica e metodológica que orienta os

fazerem na educação infantil não podem ser reduzidas à realização de numerosas tarefas repetitivas e cansativas para as crianças, conforme os relatos destacados no quadro 01 em que uma criança diz “*Eu pintava, cobria e ligava. [...] E cobrir e pintar e ligar*” e, que “*tem muita atividade atrasada*” e, a outra criança, relata que “*pintava. Era pintava e pintava de novo*”. Estes relatos indicam que as atividades que foram desenvolvidas pelas crianças priorizaram tarefas sistemáticas de treino e coordenação motora, “claro que é sofrimento para uma criança, de qualquer classe social, a imposição de exercícios de treinamento [...] (KRAMER, 2003, p. 66)”. São processos, como nos diz Kramer (2003), que preparam mãos, mas que aniquilam a riqueza da experiência e da construção do sentido social e cultural que as experiências e as práticas na educação infantil podem proporcionar às crianças.

São relatos que nos fazem refletir sobre a incipiente experiência educativa provocada pelo contexto de pandemia que trouxe às crianças uma realidade educativa de ausências das condições necessárias para a promoção de seu desenvolvimento e aprendizagem, num processo em que o trabalho individual predominou em detrimento do trabalho coletivo e que, as práticas motoras foram os únicos recursos disponibilizados às crianças, em detrimento das práticas lúdicas, que se constituem como um elemento essencial para o desenvolvimento infantil.

O OLHAR E A COMPREENSÃO DAS CRIANÇAS SOBRE A REALIDADE VIVENCIADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PERÍODO DA PANDEMIA

O eixo-temático que apresentamos, traz com força e notoriedade, as compreensões das crianças sobre a realidade educativa vivenciada durante a pandemia de Covid-19. Suas falas, nos remetem aos escritos de Sarmiento (2007), que ressalta o quanto a infância sofreu historicamente processos de ocultação de sua realidade social e cultural, o quanto a condição das crianças como sujeitos ativos foi esquecida e a complexidade da sua existência social foi desconsiderada, pois, “[...] as vivências, culturas e representações das crianças escapam-se ao conhecimento que delas temos [...]” (SARMENTO, 2007, p. 26). Os relatos infantis destacados neste eixo, corroboram com a importante presença das compreensões das crianças sobre as suas experiências serem consideradas, que seus direitos de cidadãs sejam cumpridos por meio do diálogo e da escuta das condições educativas que lhes foram possibilitadas durante a pandemia. Registramos no quadro 02, as seguintes compreensões e opiniões das crianças sobre a realidade educativa vivenciada na educação infantil no período da pandemia:

Quadro 02 – O olhar e a compreensão das crianças sobre a realidade vivenciada na educação infantil no período da pandemia

CRIANÇA 01	Pesquisadora: Você gosta de brincar na escola? Criança: Gosto muito. Pesquisadora: Do que você mais gosta de brincar lá na escola? Criança: De brincar com os amigos de pega-pega.
-------------------	---

	<p>Pesquisadora: Então me fala mais um pouquinho da tua escola. Fala pra mim se você sentiu falta de brincar com seus coleguinhas? Criança: Eu sinto muita falta.</p> <p>Pesquisadora: Então você acha melhor ter aula em casa ou na escola? Criança: Escola.</p> <p>Pesquisadora: Por que? Criança: Porque é mais divertido.</p> <p>Pesquisadora: Do que mais você sentiu saudade lá da escola? Pensa aí. Criança: Da professora.</p> <p>Pesquisadora: Você acha que estudar em casa é igual estudar na escola? Criança: Não.</p> <p>Pesquisadora: Por que é diferente? Criança: Porque não dá para brincar com os amigos.</p>
CRIANÇA 02	<p>Pesquisadora: você sentia saudade da escola? Criança: Eu só sentia saudade da professora.</p> <p>Pesquisadora: Só dela? E dos amigos? Criança: Também.</p> <p>Pesquisadora: O que mais que você sentia saudade? Criança: É... do Joaquim e do Samuel...e do Benjamin e do Thiago.</p> <p>Pesquisadora: Saudade deles? Criança: Sim. Os dois, o Benjamim e o Thiago.</p> <p>Pesquisadora: Por que que você gosta de ir para a escola? Criança: A gente brinca com os bloquinhos que eu tenho.</p> <p>Pesquisadora: O quê que tem lá que você gosta? Criança: Brinquedo, almoço, lanchinho, colchões, parquinho, banquinho, mesa...</p> <p>Pesquisadora: Tu sentes falta da escola? Criança: Sim.</p>
CRIANÇA 03	<p>Pesquisadora: você sentia saudade da escola? Criança: é... dos meus amigos!</p> <p>Pesquisadora: É? Tu gostas de estudar mais em casa ou na escola? Criança: Na escola.</p> <p>Pesquisadora: Por que? Criança: Porque aí é pessoalmente, e é mais legal a gente pode brincar, e também a gente pode conversar, e lá a gente não pode conversar muito não!</p> <p>Pesquisadora: E o que tu achaste de assistir aula pelo celular e pelo computador? Criança: Não gostei (não gostou?) não gostei. Porque aí eu já falei que não tem mais criança pra brincar, também não tem como conversar com eles direito então... quando era antes da pandemia.</p> <p>Pesquisadora: Por que? Criança: Porque eu via meus amigos, conseguia brincar e conseguia conversar.</p>
CRIANÇA 04	<p>Pesquisadora: Você sentia saudade da escola? Criança: Um hum.</p> <p>Pesquisadora: Você queria ir pra escola? Criança: Sim.</p> <p>Pesquisadora: Por que você queria ir? Criança: Pra brincar.</p> <p>Pesquisadora: Você acha mais legal estudar em casa ou na escola? Criança: Na escola.</p> <p>Pesquisadora: Por que? Criança: Tem brinquedo.</p> <p>Pesquisadora: Quais são os brinquedos que tem lá? Criança: Tem massinha e tem muitos brinquedos. A professora Lorena... Ah, e lá tem a professora Kátia.</p> <p>Pesquisadora: Você gostou mais das aulas quando a sua mãe ia buscar o dever para fazer aqui em casa ou você gosta mais das aulas na escola? Criança: Eu gosto de fazer lá da escola.</p> <p>Pesquisadora: Por que? Criança: Porque eu adoro.</p>
CRIANÇA 05	<p>Pesquisadora: Você sentia falta dos seus amigos? Criança: Balança a cabeça que não.</p> <p>Pesquisadora: Sentia falta da professora? Ficou com saudade da professora? Criança: Balança a cabeça que não. Pesquisadora: Ficou com saudade de ir para a escola? Ou você gosta de ficar todo tempo em casa? Criança: Todo tempo.</p> <p>Pesquisadora: E você gosta de estudar mais aqui em casa ou na escola? Por quê? Criança: Em casa. Porque sim. Pesquisadora: E de estudar na escola você gosta também? Criança: Não. Não tem patrulha (desenho animado) na escola.</p>

Fonte: Transcrições das autoras, como resultados das entrevistas no ano de 2021.

Ao analisar as respostas destacadas acima, é possível perceber que com exceção da criança 05, todas as demais sentiram falta da instituição de Educação infantil e preferem voltar ao formato presencial porque, segundo elas, o espaço da educação infantil é mais atrativo, local que podem brincar, conversar com os seus colegas e com a professora. Os relatos infantis corroboram com a importância que as instituições e práticas voltadas às crianças considerem as suas especificidades, a importância das relações e interações entre crianças e com o educador, ressaltam a importância de um ambiente pensado na criança e para a criança, dispendo tempo e espaço para que esta desenvolva seus aspectos cognitivo, físico, interacional, afetivo.

As crianças reconhecem a importância do espaço da educação infantil, atribuindo-lhe sentidos valorativos que estão relacionados com as experiências coletivas e interativas vivenciadas naquele local, reconhecendo a instituição de educação infantil como um espaço lúdico, onde podem brincar com os amigos, conversar e desenvolver relações de afeto, indicando dessa forma, o brinquedo, os amigos e a diversão como elementos que dão sentido à educação infantil, são suas necessidades sendo explicitadas e de um contexto educativo que cria condições para atender tais necessidades.

Porém, se ignoramos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio do desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança acentuada nas motivações, tendências e incentivos (VYGOTSKY, 2009, p.108).

Vygotsky (2009), destaca a importância do reconhecimento das necessidades da criança, nas motivações e incentivos que devem estar presentes nas práticas educativas direcionadas a esses sujeitos. As DCNEI/2009, também corroboram com essa ideia ao destacarem como eixo estruturante do currículo da educação infantil as interações e brincadeiras, elementos que foram esquecidos nas atividades descritas pelas crianças no período da pandemia. Este processo, trouxe-nos a possibilidade de dar visibilidade ao mundo específico das crianças, as suas produções de sentidos, em que as interações e brincadeiras foram apresentadas como aspectos fundamentais que são vividos no espaço da educação infantil. Destacamos que tais aspectos foram ditos e afirmados pelas crianças, pois, são elas que constroem as suas representações sobre o mundo e dão sentidos às suas ações.

Nesse movimento de expressão das suas formas de interpretação do mundo, as crianças falaram de afeto e saudades, falaram da natureza interacional e lúdica que envolve o trabalho docente com crianças e, nos faz enfatizar a brincadeira como experiência e como parte da cultura lúdica infantil, suas falas apresentam marcas de um momento histórico que limitou as suas possibilidades interativas e, nos conduzem a destacar o valor indubitável das relações e interações presenciais na educação infantil.

Sarmento (2004) destaca as características próprias das crianças que são inerentes à sua condição infantil, o autor fala dessa categoria social de sujeitos em que o brincar é elemento constitutivo das culturas da infância. O autor também apresenta a interatividade e a ludicidade como eixos estruturadores das culturas infantis, neste sentido, ressaltamos o quanto algumas crianças falaram da ausência de interatividade com seus pares no período da pandemia de covid-19. Suas falas nos remetem ao papel fundamental que as relações intrageracionais desempenham em seu desenvolvimento e aprendizagem, pois,

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares de rotinas e da realização de atividades, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do quotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiência negativas. Esta partilha de tempos, acções, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento (SARMENTO, 2004, p.24).

Assim, é crucial para as crianças o compartilhamento de momentos interativos, pois, a cultura de pares proporciona a partilha de diferentes situações em que elas possam experimentar outros papéis, desenvolvendo sua afetividade, aprendendo a conviver em conjunto, adquirindo novos comportamentos e elaborando estratégias para resolver os desafios que lhes são apresentados. Pois, como seres sociais elas precisam dessas experiências para construir relações fora do âmbito familiar.

De acordo com os relatos, os brinquedos, também, foram um dos motivos que levaram as crianças a sentirem falta do espaço institucional. Isso demonstra a importância e a influência que este tem no processo de aprendizagem, visto que os brinquedos desenvolvem a imaginação das crianças, potencializam o desenvolvimento intelectual e desenvolvem nelas novas habilidades, além de torná-las protagonistas de sua própria aprendizagem, pois, “é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança [...]” (VYGOTSKY, 2009, p.112).

O exercício da escuta e do diálogo com as crianças nos possibilitou conhecer as formas como perceberam as práticas educativas antes e durante a pandemia de covid-19 e os significados que atribuíram a essas experiências, revelando modos de ser criança e de viver a infância na educação infantil, em que a importância do lúdico, das brincadeiras com os colegas e das relações afetivas com a professora, compõem o repertório das experiências culturais dessas crianças, são processos que, conforme Sarmento (2005), constroem, constituem a identidade social e geracional da infância, diferenciando-as dos adultos. Quatro das cinco crianças investigadas deixaram claro que as experiências educativas solitárias e individualizadas foram desagradáveis e que preferem o espaço coletivo do brincar que a instituição de educação infantil lhes proporciona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças revelaram as suas preferências no que se refere à educação infantil, demonstraram um olhar crítico ao tipo de experiência vivenciada durante a pandemia ao falarem sobre os motivos de não gostarem das experiências pedagógicas por computador e/ou aparelho de celular, justificando que não tem crianças para brincar e “conversar direito”, como justificou uma das crianças participantes desta pesquisa. Isso nos revela que a falta de contato e interação

com outras crianças deixam-nas desanimadas, sinaliza que há uma falta de entusiasmo relacionada à experiência educativa na educação infantil não presencial. Por meio dos seus relatos, as crianças expressam e nos ensinam o valor da escola, a importância da educação infantil, do espaço escolar como local de relações, contato, convivência, como local do brincar, como o espaço da brincadeira.

As vozes das crianças reverberam que a educação infantil engloba aspectos bem mais amplos do que a simples execução de algumas tarefas pedagógicas de treino e coordenação motora por meio do pintar, cobrir e ligar. Nesse sentido, consideramos que em situações atípicas como foi a da pandemia, faz-se necessário pensar em atividades que visem não só a organização do espaço e do tempo para preencher o tempo da criança, mas também a promoção de atividades significativas que possibilitem diferentes experiências de aprendizagem, tendo em vista seus direitos e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ANANINDEUA. **Decreto 20.471 de 27/04/2020**. Altera o Decreto nº 20.431, de 18 de março de 2020, que “Declara situação de emergência no âmbito do Município de Ananindeua para enfrentamento preventivo da pandemia de coronavírus declarada pela Organização Mundial de Saúde – OMS e dá outras providências”. Disponível em: https://www.ananindeua.pa.gov.br/leis_decretos. Acesso em: Jun. de 2021.

ANPED. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. **Posicionamento sobre o Parecer do CNE que trata da Reorganização dos Calendários Escolares e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de Pandemia da COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/manifesto-anped-educacao-distancia-na-educacao-infantil-nao> . pdf. Acesso em: out. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em: http://www.portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: Jun. de 2021.

BRASIL. **Portaria do MEC nº 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 18 de jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 05/2020. Reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento de carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em:

<http://www.portal.mec.gov.br/component/content/article/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020#:~:text=Parecer%20CNE%20FCP%20n%C2%BA%205,da%20Pandemia%20da%20COVID-19>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro(1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** – 14. ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

CARBONIERI, Juliana; MAGALHÃES, Cassiana. **Currículo na Educação infantil: a pandemia e o desenvolvimento humano.** Revista Teias, v. 22. n. especial, out./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/62033>. Acesso em: Set. de 2022.

KRAMER, Sônia. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sônia (et al). **Infância e Educação infantil.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, Luiz C; KRAMER, Sônia. **Infância, educação e direitos humanos.** São Paulo: Cortez, 2003.

UFRA. **Resolução nº 622 de 12 de abril de 2021.** Dispõe sobre a regulamentação das atividades de ensino do período letivo 2020.2, bem como aprovação do calendário acadêmico 2020.2. CONSEPE. Belém, 12 de abril de 2021. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2797:consepe-resolucoes-em-2021&catid=2&Itemid=290. Acesso em 10 jan. 2022.

PIMENTA, Selma G; LIMA Maria S. L. **Estágio e docência.** - 4ed -São Paulo: Cortez, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: Dez. de 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R. de; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs). **Infância (in)visível.** Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel J; CERISARA, Ana B. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sócio pedagógicas da Infância e Educação.** Porto: Edições ASA, 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79714>. Acesso em: Out. de 2022.

VYGOTSKY, L. S. (1933/2009) O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 107-124